

II - UMA NOVA PRÁTICA POLÍTICA

1. Para nós a democracia não é um ideal abstracto. É uma forma concreta de viver. Na vida portuguesa de hoje, queremos que a democracia seja multipolar. Cada pessoa é portadora de dignidade humana. E é essa dignidade que a torna capaz de forjar o seu destino e de contribuir, com as suas ideias, experiências e acções, para forjar o nosso querer comum.

À mera delegação de poderes contrapomos a responsabilidade activa por tudo o que nos diz respeito.

À concentração de poderes contrapomos uma vida policentrada com tantos centros de decisão quantos os locais onde a nossa vida se organiza e se estrutura.

Por isso entendemos que as autarquias e as regiões, as associações socio-profissionais e culturais, são nós da rede do poder que queremos seja partilhado por todos. Aí sabemos definir melhor os problemas que temos, como podemos resolve-los, que recursos temos disponíveis, que desequilíbrios temos de compensar. Aí podemos inventar o viável!

Fundação Cuidar o Futuro

2. Não nos conformamos com uma pobreza envergonhada. Temos recursos naturais que, todos juntos, podemos controlar e gerir. Ao fazê-lo, aplicamo-nos verdadeiramente nisso, exercemos uma actividade útil.

Temos iniciativa e capacidade de arriscar. Vamos estabelecer consensos sociais que nos vão guiar nos vários patamares do desenvolvimento. Tornamos assim transparentes os nossos processos e corrigíveis as nossas metas.

Temos pelo país fora uma infinidade de circuitos informais que são em muitos casos meio de sobrevivência. Não temos medo de aproveitar a economia paralela; em vez de pequenos cursos de água que se desperdiçam queremos que constituam um caudal ~~sem significado~~ *que a todos beneficie.*

Temos todos na mão o poder do consumo. Vamos utilizar toda a infor-





mação disponível para que as verdadeiras escalas de valores - é bom, útil, belo, criador de solidariedade - conduzam o nosso consumo e reorientem a produção dos bens e dos serviços de que precisamos. Mas sabemos que antes do mais queremos para todos pão, teto, i.e., auto-suficiência alimentar para o país e metas viáveis para a habitação social.

3. Acima de tudo a nossa maior riqueza somos nós próprios, o que formos capazes de ser e de conceber.
- Não queremos que o emprego seja usado para manter as pessoas ocupadas a fazer o que não as interessa e não é útil e a ser parte *passiva* da divisão interna *cional* do trabalho. Queremos descortinar onde vivemos as tarefas que são socialmente úteis, ~~e necessárias~~ ~~mas~~, formar as pessoas necessárias para as executar e lançarmos nessa acção comum toda a nossa energia.
 - Não queremos zonas tabús na actividade do nosso país; queremos decidir, à base dos resultados, quais os sectores rentáveis e os que não são e qual a *utilidade e interesse social* real da manutenção de uns e de outros.
 - Não queremos formas de "justiça" que se exercem no termo do processo económico. *Porque* a solidariedade social não depende do lucro. Ela é o guia e o método *que acompanha todas as etapas* do processo económico.
 - Não queremos que os serviços e as empresas públicas sejam travão ao pleno uso dos nossos recursos. Todo o serviço público só se justifica pela utilidade social *que* vem cada *fase* da sua prestação realmente tem.
4. Temos orgulho no que somos. Acreditamos que a nossa identidade cultural é forte e profunda.

Temos cientistas, artistas, investigadores, escritores que nos apontam caminhos. Com eles podemos reconquistar as raízes histórico-culturais do país e reintegrar toda a nossa expressão cultural nas grandes decisões que nos afectam, internamente e externamente.





Temos tradições quase perdidas de trabalho e criatividade* que com um impulso podem traduzir-se em escolas de aprendizagem e em novos sectores de actividade produtiva. Com elas vão desenvolver-se novos polos de vida local e regional.

Temos um novo poder no país que nos telecomanda; *em vez disso,* vamos encontrar as formas adequadas de controle social dos meios de comunicação.

5. O nosso lugar no mundo não tem ambiguidades. Desenha-se claramente.

↪ Somos parte da Europa, com ela lidamos culturalmente sem restrições, economicamente sem subserviência.

Somos parte da comunidade de língua portuguesa ; com novos laços institucionais e fazendo parte de três continentes, podemos ter novo peso na cena internacional.

Somos parte da zona do Mediterrâneo onde se cruzam e fundem tantas culturas e civilizações. Aqui podemos criar um espaço próprio.

Somos membro da comunidade ibero-americana e por aí participamos numa comunhão de interesses e de afinidades culturais.

Nenhum país é uma ilha. Mas o país que somos é-o muito menos. Nele se cruzam os círculos das rotas que traçamos no mundo. A nós cabe reconstitui-las com os instrumentos de hoje.

